

## CIENTIFICAÇÃO E (DES) PATOLOGIZAÇÃO DE HOMOSSEXUALIDADE COMO ESTUDO DE CASO PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

*Data de aceite: 01/03/2024*

### Ana Cecília Correia Santos das Chagas

Embora o método científico e a atividade de fazer ciência em si seja idealizada como uma atividade racional e objetiva em que um cientista livre de subjetividade analisa o mundo ao seu redor e tem *insights* sobre a verdade de como o mundo natural funciona, diferentes estudiosos da ciência relatam que o processo científico real possui uma subjetividade marcada pelas várias comunidades em que o cientista está inserido. Buscarei expor essas comunidades usando como exemplo o estudo científico do que entendemos como homossexualidade masculina.

Foram dois os motivos que me fizeram escolher esse exemplo para elucidar o meu ponto de vista. Primeiro, esse é um tópico científico em que influências sociopolíticas dos cientistas são abertamente discutidas para mostrar o contexto de suas teorias, invertendo a ideia de que o cientista é puramente

objetivo. É pouco provável alguém achar relevante publicar que um dado neurocientista acredita em tal teoria e publicou determinados resultados por ser gay (Edogbanya *et al.*, 2016). Segundo, nunca entendi por que o ponto político “homossexuais devem ter direitos humanos” precisa responder questões biológicas como “É natural? Qual é o mecanismo? Acontece em outros animais?”. Infanticídio, por exemplo, é natural e comum em vários animais, mas isso não foi importante na decisão de que infanticídio é imoral e ilegal. Expor as influências políticas do estudo da homossexualidade ajudam a explicar qual a ligação entre a biologia e a lei.

Há três grandes paradigmas acerca da etiologia da homossexualidade (Drescher, 2008): homossexualidade como uma variação normal da sexualidade humana; homossexualidade como uma patologia que desvia do desenvolvimento de uma sexualidade normal (aqui implícito, heterossexual); e homossexualidade como uma fase imatura e passageira no desenvolvimento sexual humano, que por

algum motivo “parou” em alguns adultos sem nunca chegar na heterossexualidade. Em geral, pessoas pró-direitos LGBT parecem seguir o primeiro paradigma, enquanto pessoas anti-direitos LGBT parecem seguir o segundo paradigma. Mais profundamente, pessoas pró-direitos LGBT acreditam que homossexualidade é inata, ao passo que pessoas anti-direitos LGBT acreditam ser adquirida/aprendida (Bailey *et al.*, 2016).

Esses paradigmas não são novos, eles datam desde o século XIX entre comunidades científicas europeias. Isso demonstra o que o filósofo Michel Foucault disse sobre a ciência não ser simplesmente uma linha gradual em que os cientistas de antigamente tinham ideias patológicas sobre a etiologia da homossexualidade, mas ao longo dos anos e com mais pesquisas sobre o assunto, eles entenderam que a homossexualidade é normal e não-patológica. Na verdade, esses paradigmas persistem nos mesmos períodos históricos, cada um com sua comunidade científica e procurando conhecimento sobre suas teorias. Em certos momentos, uma fica mais em voga do que a outra, contudo, nenhuma delas desaparece por completo.

O historiador Thomas Kuhn propôs que cientistas não estudam uma teoria até que ela seja falsificada propriamente, ou até que outra teoria com mais corroboração de dados empíricos apareça. Cientistas incorporam ou abandonam determinadas teorias por decisões sociais; especificamente, porque a comunidade científica a qual pertencem parece ter se reunido ao redor da mesma base teórica e metodológica, e decidiu trabalhar sobre um mesmo paradigma. Assim, o fazer ciência é a comunidade científica que propaga a teoria e dita a forma correta de estudá-la.

Mas, novamente, por que etiologia da homossexualidade? Por que essa pergunta e essa ligação política? Um olhar histórico mais a fundo, para antes das teorias, parece nos dar uma resposta.

O termo “homossexual” foi criado pelo jornalista húngaro Karl Maria Kertbeny em 1869, argumentando que comportamentos homossexuais são uma variação normal da sexualidade humana, logo ela não é imoral e deveria deixar de ser criminalizada (Drescher, 2008). Logo, o termo homossexual foi instituído em teor político, argumentando contra o que na época eram chamadas de “leis anti-sodomia”. Anterior a isso, não havia comportamentos homossexuais e homens homossexuais, havia o comportamento sexual socialmente desviante de sodomia, e os homens que praticavam o crime, os sodomitas.

Uma das pessoas que leu os argumentos de Kertbeny foi o psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebing, o qual usou o termo homossexual em seu livro *Psychopathia Sexualis* (1886), uma espécie de revisão bibliográfica de toda sorte de comportamento sexual considerado anormal na época, desde masoquismo à pedofilia. Krafft-Ebing, no entanto, via homossexualidade como uma patologia fruto de degeneração cerebral, uma visão completamente diferente da de Kertbeny. O termo “homossexual” passou a se tornar popular (especialmente na comunidade científica, quando um texto de outro membro teria maior peso do que o texto de um jornalista) depois de seu significado ter sido modificado por Krafft-Ebing em seu livro.

Embora Krafft-Ebing tenha popularizado o termo e seu contexto patológico, não posso afirmar que ele foi o pioneiro nessa visão. Conforme mencionado acima, o trabalho foi uma revisão, realizada a partir de vários casos clínicos vistos por ele e seus colegas. O terreno para a visão patológica de homossexualidade já existia, ele apenas o compilou em um único texto, de fácil acesso e citação para outros cientistas que concordavam com suas visões, o que significa que a comunidade científica do paradigma patológico para homossexualidade já existia e estava coletando dados.

A meu ver, *Psychopathia Sexualis* nem sequer pode ser visto como a primeira vez em que um texto científico foi escrito sobre o homossexual. Essa “honra” provavelmente vai para o médico forense francês Auguste Ambroise Tardieu. Tecnicamente, sodomia não era um crime na região em que ele trabalhava, mas muitos homens gay eram presos sob suspeita de sexo em público ou outros crimes de atentado ao pudor. Nessas situações, a polícia requisitava seu parecer médico para examinar os suspeitos, em especial o ânus e o pênis, para coletar provas de sexo anal. Por isso, Tardieu publicou o Estudo Médico-Legal de Crimes Contra Decência Pública (1857), para estudantes de medicina forense. Além de descrições anatômicas sobre estigmas penianos e anais em sodomitas, ele correlacionava o comportamento sexual com características comportamentais, tais como comportamento afeminado e *cross-dressing*, e sugeria que eles eram loucos, embora não dissesse exatamente qual era a doença em questão.

Mesmo havendo uma base para o livro de Krafft-Ebing, Foucault esclarece que a partir desse momento, existe uma modificação sobre como a comunidade científica enxerga o homem que pratica sexo com outros homens. Até então, ele era um homem que fazia o comportamento sodomia. Agora, ele passara a ser o homem homossexual, uma espécie à parte do resto da humanidade normal e sã, inteiramente entendido pelo caráter de ser homossexual, e com uma fisiologia misteriosa e inatural.

Foucault também discute sobre a ligação entre ciência e o Estado capitalista em que essa ciência é feita. Para ele, a comunidade científica como Instituição acadêmica é influenciada pelo Estado e serve de instrumento para ditar o que é normal e o que não é normal. Tendo determinado que seus próprios cidadãos são produtos a serem organizados e padronizados da forma mais produtiva, percebe-se que há valor em controlar a sexualidade dos cidadãos. Há comportamentos sexuais que resultam em procriação de mais pessoas úteis para a sociedade, e isso é moral (exceto para certas pessoas consideradas anormais para o Estado. Quem são essas pessoas varia de acordo com o contexto social. Negros, pobres e/ou deficientes, por exemplo, são vistas como pessoas que não devem procriar, e há esforço sociopolítico para que esses indivíduos não tenham crianças nem formem famílias). Há comportamentos sexuais que não levam à procriação, como o comportamento homossexual, sendo, portanto, comportamentos imorais e que não favorecem a sociedade.

O interessante sobre esse tipo de análise política é a dificuldade em dizer se ela tem cunho religioso ou científico. Eu poderia fazer um argumento baseado em ensinamentos

cristãos sobre porque sexo tem apenas fim procriativo, e qualquer coisa que não siga esse fim é pecado; eu também poderia fazer um argumento biológico sobre porque sexo tem a função evolutiva de fazer os indivíduos de uma espécie procriarem e aumentarem sua aptidão, e qualquer coisa que não leve a esse fim seria uma patologia ou um engano.

De fato, cientistas que estudavam homossexualidade como patologia usaram o argumento biológico de sexo entre homossexuais não resultar em crianças como uma das razões pela qual homossexualidade deve ser um erro. Talvez essas pessoas estivessem baseando seu argumento na Bíblia, talvez elas estivessem se baseando em A Origem das Espécies, ou talvez fosse uma mistura de ambos, dependendo do público-alvo. A ideia de comportamento sexual como parte de uma maior gama de “comportamentos sociosexuais”, usados não apenas para procriação, mas também como forma de desenvolver laços em grupo sociais e apaziguar brigas, é relativamente recente.

Não falo isso para desmerecer o interesse da Igreja em estudos sobre “curas gay”, especialmente no Brasil, onde pessoas que oferecem esses serviços literalmente se autointitulam “psicólogos cristãos”. As igrejas católicas, protestantes e pentecostais analisaram qual paradigma mais se aproxima com o que está em voga com seus dogmas religiosos, e se posicionaram de acordo. Falo isso porque até cientistas tentando escrever sem enviesamento religioso ainda podem formular um argumento sobre porque eles consideram homossexualidade anormal, logo doença/imoralidade.

Voltando à comunidade científica de Kuhn, um ponto interessante se apresenta: até então estamos pensando um grupo de cientistas héteros analisando a etiologia do objeto de estudo gay. Esse delineamento é em grande parte verdade, porém não uma coincidência: de acordo com Roughton (2002), o processo de aceitação para a Associação Americana de Psicanálise era homofóbico, desfavorecendo candidatos gay até 1991. Muitos dos candidatos gay aceitos nessa associação se mantinham no armário para evitar ter sua carreira profissional questionada e desqualificados em um ambiente científico em que visões heterossexistas, ou até abertamente homofóbicas, eram a norma. Roughton (2002) declara que, após a política de tolerância a candidatos gay na associação, teorias e hipóteses nunca imaginadas sobre sexualidades gay e lésbica começaram a ser escritas, todas seguindo um paradigma de homossexualidade como uma variação normal da sexualidade humana. Mesmo dentro da bolha da comunidade científica, existe um elemento de coerção interno para evitar mudanças de paradigma.

Um fator complicador para analisar como a ciência vê homossexuais é o fato que há uma divisão entre diferentes áreas científicas, de psicologia para sexologia para medicina, e qual paradigma está mais em voga em determinada época pode variar, a depender de qual área científica está sendo olhada. Há épocas em que a psicologia, psiquiatria e psicanálise estão se reunindo mais ao redor do paradigma patológico, enquanto a sexologia parece preferir o paradigma de variação normal.

Anteriormente, eu mencionei que se acredita por alguns que homossexualidade é uma “parada” no desenvolvimento sexual normal (novamente, presumivelmente heterossexual). Essa ideia parece vir do psiquiatra austríaco Sigmund Freud, que propunha que todas as pessoas começam bissexuais e são moldadas durante seu desenvolvimento para a heterossexualidade. Embora ele visse homossexualidade como uma sexualidade imatura, fruto de algum problema no desenvolvimento da pessoa, ele não a considerava uma patologia e, mesmo se fosse, não acreditava que ela precisava, ou até *conseguiria* ser tratada. Também determinava que pessoas gay pareciam ser sãs e não possuir problemas intelectuais, mesmo que ser homossexual “não fosse uma vantagem”, parafraseando sua agora famosa “Carta para a mãe de um homossexual” (1935).

Destaco a teoria dele como exemplo pois, apesar de ser um psicanalista e o chamado “pai da psicanálise”, suas teorias sobre sexualidade ficaram mais populares entre sexólogos do que entre psicólogos e psiquiatras, os quais rapidamente abandonaram suas ideias depois de Freud falecer. Isso parece ser um exemplo do que o sociólogo Bruno Latour explicou como uma estratégia de conseguir credibilidade no jogo de mercado do ambiente laboratorial: sexólogos pareciam capazes de ir para outras áreas de estudo, como a psicanálise de Freud, a fim de adquirirem mais conhecimento que corroborassem suas próprias teorias sobre o desenvolvimento sexual humano.

Vemos aqui como o conhecimento científico e, de fato, a própria criação do estudo do homossexual, abrange a influência legal do Estado (homossexualidade literalmente entrou no olhar científico já em um contexto de criminalidade, com os crimes contra o pudor e sodomia), a Igreja (a existência de psicólogos cristãos e a popularização de teorias científicas que combinem com dogmas cristãos já estabelecidos), e a própria uniformização interna da comunidade científica (cientistas homofóbicos deixando o ambiente científico hostil para seus colegas gay e a expressão de teorias diferentes da norma estabelecida no grupo).

Essa inserção do fazer ciência no contexto histórico-cultural em que o cientista está inserido é explicado melhor pela socióloga Karin Knorr-Cetina ao falar sobre a arena transepistêmica. Não há uma visão puramente objetiva, e o produto (o foco do estudo) não pode ser retirado do seu processo de produção. Tentar fazê-lo não tornaria a visão do cientista magicamente objetiva; apenas ingênuo, ou talvez deliberadamente ignorante sobre o contexto em que o conhecimento produzido foi feito. Como exemplo disso, falei antes que o Estado influencia a Instituição acadêmica; pensando nisso de forma mais prática, estudos cujo viés usam um paradigma diferente do vigente pelo Estado e pela população em geral, incluindo financiadores de editais de fomento, podem arriscar ter menos chance de conseguir financiamento para pesquisa, seus pesquisadores podem ter sua credibilidade questionada, e seus laboratórios fechados por falta de apoio. Dessa forma, o cientista está sempre trabalhando dentro de comunidades que vão além do científico ou acadêmico.

Então, determinando que objetividade pura é impossível no estudo científico e biológico, o que fazer diante disso? Aprecio muito a solução de Ashley (2019): como cientistas, devemos nos aceitar como pessoas subjetivas dentro de nossos contextos socioculturais, e nos conhecer o bastante para reconhecer quais são os nossos viesamentos pessoais, ao mesmo tempo em que continuamos o trabalho comunitário de análise científica. Acredito que, sendo impossível sermos ilhas frias de saber puro, esse é o caminho mais apropriado e sábio de se seguir adiante.

## REFERÊNCIAS

Ashley (2019) Science Has Always Been Ideological, You Just Don't See It. Archives of Sexual Behavior, <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01519-7>

Bailey *et al.* (2016) Sexual Orientation, Controversy, and Science Psychological Science in the Public Interest, 17(2): 45–101.

Drescher (2008) A History of Homosexuality and Organized Psychoanalysis. Journal of The American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry, 36(3): 443–460.

Edogbanya *et al.* (2016) Homosexuality: innate or acquired? MAYFEB Journal of Biology and Medicine, 1: 7-21.

Roughton (2002) Rethinking Homosexuality: What It Teaches Us About Psychoanalysis. Journal of the American Psychoanalytical Association, 50: 733, DOI: 10.1177/00030651020500032001

Tagliamento & Paiva (2016) Trans-Specific Health Care: Challenges in the Context of New Policies for Transgender People. Journal of Homosexuality, 63(11): 1556-1572, DOI: 10.1080/00918369.2016.1223359